

CENTRO PAULA SOUZA
ETEC PADRE JOSÉ NUNES DIAS
Técnico em Enfermagem

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA IMPLEMENTAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO ATÉ OS 6 MESES.

Bianca Baiona Rodrigues*
Maria Vitória Pereira Torres Breseghelo**
Patrícia Nayara Salvioni Marchiori***
Alessandra Regina Lourenção****

RESUMO: O Aleitamento Materno Exclusivo (AME) representa uma prática essencial para a saúde do bebê, da mãe e de toda a família. Segundo o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde, a Nutrição exclusiva por meio do leite proveniente da mãe deve ocorrer até os seis primeiros meses de vida, período em que o bebê recebe apenas leite da nutriz, diretamente da mama ou ordenhado, sem qualquer outro alimento ou líquido. O leite materno apresenta composição completa, capaz de suprir todas as necessidades nutricionais e imunológicas do recém-nascido, protegê-lo contra infecções comuns da infância e contribuir para seu desenvolvimento saudável. No entanto, amamentar não é um processo simples ou puramente instintivo; exige orientação, prática e apoio constante. Muitas mulheres enfrentam dificuldades físicas, emocionais e sociais que podem comprometer a continuidade da amamentação, e a idealização da maternidade frequentemente oculta esses desafios. A crescente disseminação de informações e o fortalecimento do protagonismo feminino têm incentivado mães a relatarem suas vivências reais, contribuindo para a desconstrução de expectativas irreais sobre a amamentação. Diante desse cenário, torna-se fundamental desenvolver pesquisas atualizadas sobre o aleitamento e, sobretudo, compreender o papel essencial da enfermagem nesse processo. A equipe de enfermagem atua diretamente na orientação, no acolhimento e na intervenção diante das dificuldades maternas, sendo indispensável para promover, apoiar e manter o AME até os seis meses. Assim, este trabalho evidencia a importância do aleitamento materno e demonstra como a atuação qualificada e humanizada da enfermagem influencia positivamente a experiência da mãe e do bebê.

PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento Materno Exclusivo. Seis Meses. Benefícios. Dificuldades. Cuidados de Enfermagem.

* Bianca Baiona Rodrigues aluna do curso Técnico em Enfermagem da Etec Padre José Nunes Dias
E-mail: bianca.rodrigues164@etec.sp.gov.br.

** Maria Vitória Pereira Torres Breseghelo aluna do curso Técnico em Enfermagem da Etec Padre José Nunes Dias E-mail: patricia.salvioni@etec.sp.gov.br.

*** Patrícia Nayara Salvioni Marchiori aluna do curso Técnico em Enfermagem da Etec Padre José Nunes Dias. E-mail: patricia.salvioni@etec.sp.gov.br

**** Alessandra Regina Lourenção docente e orientadora do curso Técnico em Enfermagem da Etec Padre José Nunes Dias. E-mail: alessandra.lourencao@etec.sp.gov.br.

1 INTRODUÇÃO:

A amamentação deve ser iniciada logo após o nascimento, pois contribui para o fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e bebê. Durante os primeiros seis meses de vida, o leite materno é recomendado como alimento exclusivo, por atender plenamente às necessidades nutricionais do bebê nessa fase inicial, promovendo crescimento e desenvolvimento adequados (DA SILVA, 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2025), “o leite materno é o alimento ideal para bebês, seguro, limpo e com anticorpos que ajudam a protegê-los contra doenças comuns da infância”. Além de fornecer energia e nutrientes suficientes para os primeiros meses, continua a suprir parte das necessidades nutricionais até os dois anos de vida ou mais (OMS, 2025).

O Ministério da Saúde (2025) também destaca que o aleitamento materno é um alimento sustentável, que não polui o meio ambiente e contribui para a redução de custos no sistema de saúde, ao prevenir doenças na infância e na vida adulta. Entre os principais benefícios para a criança estão a proteção contra diarreias, infecções respiratórias, alergias, obesidade e doenças crônicas, além de favorecer o desenvolvimento cognitivo. Para a mãe, a prática reduz o risco de câncer de mama e ovário, proporcionando ganhos em saúde a longo prazo.

Segundo De Andrade (2023). Há igualmente incontáveis benefícios da amamentação para a lactente, como a redução do risco de câncer de mama, ovário e endométrio, a melhora do humor e minimização do estresse devido ao aumento do nível de ocitocina no sistema circulatório durante as mamadas e a sensação de bem-estar no final da mamada, efeito da liberação de beta-endorfina no organismo materno. (DE JESUS, 2022) A composição do leite materno é rica em anticorpos, vitaminas e diversos nutrientes que reforçam o sistema imunológico do bebê, ajudando na prevenção de infecções e doenças comuns da infância. De acordo informações do Instituto Butantan (2025), o leite materno é rico em peptídeos bioativos que favorecem a ativação dos linfócitos, contribuindo para o desenvolvimento eficiente do sistema imunológico do recém-nascido.

Entretanto, apesar de ser um processo natural, a amamentação pode ser desafiadora, especialmente quando surgem barreiras físicas, emocionais e sociais que dificultam

sua continuidade e podem levar ao desmame precoce. Entre as barreiras físicas, destaca-se a dificuldade na pega correta do recém-nascido (REZENDE, 2024). Entre as barreiras emocionais, estão a ansiedade materna ou a percepção de produção insuficiente de leite (DE OLIVEIRA, 2025). Já entre as barreiras sociais, conforme afirma Da Silva (2021), incluem-se a falta de apoio familiar ou de profissionais capacitados para orientar e auxiliar a mãe. Tais fatores podem interferir na manutenção do aleitamento materno, ressaltando a importância do suporte adequado e da orientação profissional desde os primeiros dias após o nascimento.

Apesar das confirmadas vantagens da amamentação exclusiva até o sexto mês de vida do bebê, o desmame precoce e a introdução da alimentação artificial está se tornando cada vez mais habitual, principalmente entre mães que tiveram sua gestação na fase da adolescência. A associação entre idade materna jovem e desmame precoce pode estar relacionada a alguns fatores, tais como nível educacional e capacidade aquisitiva reduzido comparado ao das genitoras adultas, tendo em vista que na maioria dos casos mulheres com poder aquisitivo superior possuem mais acesso ao conhecimento, principalmente sobre os benefícios do aleitamento e sobre o melhor acompanhamento por meio de consultas pré-natais. (DE ARAUJO, 2022)

Dessa maneira, para incentivar o Aleitamento Materno Exclusivo (AME), é essencial ampliar a compreensão sobre a promoção da saúde, reconhecendo que o processo de saúde e adoecimento é influenciado por múltiplos determinantes. Assim, promover a saúde exige ir além das características individuais e coletivas, considerando que o tema é profundamente influenciado pelos contextos social, econômico, político e cultural. Por isso, sua garantia não depende apenas do setor da saúde, mas requer articulação e cooperação entre diferentes áreas, com participação ativa da sociedade e ações integradas dentro e fora do âmbito sanitário. (PERES, 2021).

Palheta (2021) enfatiza que as práticas de prevenção e promoção de saúde que devem ser desenvolvidas pelos profissionais da enfermagem visando a promoção do aleitamento materno exclusivo, se fundamentam em ações educacionais a partir de orientações à gestante e aos familiares como rodas de conversa, grupos para aconselhamento sobre o aleitamento exclusivo e a importância da sua adesão e manutenção. Por esses motivos, a atuação dos profissionais da enfermagem é indispensável para o desenvolvimento dessa prática tão importante.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a importância da adesão ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade, destacando seus benefícios, os desafios enfrentados e o papel da equipe de enfermagem nesse processo.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar os principais benefícios do aleitamento materno exclusivo para a saúde materna e infantil;

Identificar as dificuldades e barreiras que podem interferir na continuidade da amamentação;

Ressaltar a atuação da equipe de enfermagem na promoção, orientação e apoio à prática da amamentação;

Analisar estratégias utilizadas pela equipe de enfermagem para incentivar a adesão ao aleitamento materno exclusivo;

Discutir a importância de políticas públicas e programas de saúde que fortaleçam a prática do aleitamento materno.

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema justifica-se pela importância do aleitamento materno exclusivo para a saúde do bebê e da mãe, sendo uma prática essencial para reduzir a mortalidade infantil, prevenir doenças e fortalecer o vínculo mãe-bebê, configurando-se como um tema de saúde pública. Cientificamente, o estudo amplia o conhecimento sobre a promoção do aleitamento exclusivo e destaca o papel fundamental dos profissionais de enfermagem no apoio, orientação e incentivo dessa prática para melhorar a qualidade de vida desde os primeiros meses de vida.

1.4 METODOLOGIA:

Para realizar este artigo científico foi utilizado a forma de estudos com uma sondagem descritiva e bibliográfica por meio de fundamentação teórica da literatura. Foram estabelecidos como critérios de adesão artigos científicos publicados entre os anos

de 2020 á 2025 com assuntos relevantes ao tema principalmente em português. Foram excluídos os artigos científicos publicados anteriormente ao ano de 2020 com assuntos que não eram relevantes ao tema. Para a pesquisa, foram utilizados os descritos: aleitamento materno exclusivo até seis meses; benefícios do leite materno; dificuldades na amamentação; composição do leite materno e cuidados de enfermagem. Como procedimento metodológico utilizou-se de artigos científicos da base de dados do Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e PubMed onde foram encontrados 57 artigos científicos sendo utilizados 31 artigos, os quais tinham mais destaque no tema escolhido. Após a seleção do material bibliográfico, foi alavancada uma ampla leitura, ocasião em que foi produzido o texto final, visando atingir o objetivo pré-estabelecido para este presente trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO:

2.1 Conceitos de Aleitamento Materno

O Aleitamento Materno Exclusivo (AME) corresponde à prática de alimentar o bebê unicamente com leite humano, seja diretamente do seio materno ou extraído, podendo também ser proveniente de outra fonte, como o leite pasteurizado, desde que não haja a introdução de qualquer outro tipo de alimento sólido ou líquido, exceto medicamentos, suplementos vitamínicos ou sais de reidratação (TAVEIRO, 2020). Nesta parte, serão apresentados os principais conceitos, benefícios, dificuldades e principalmente o papel da enfermagem na promoção e apoio ao aleitamento materno.

Considera-se Aleitamento Materno (AM) quando o lactente recebe leite materno, independentemente de também consumir outros alimentos. O Aleitamento Materno Complementado (AMC) ocorre quando, além do leite materno, são introduzidos alimentos sólidos ou semissólidos com a finalidade de complementar a alimentação. O desmame inicia-se a partir da oferta de qualquer outro alimento, seja ele oferecido em conjunto ou de forma independente do leite materno (TAVEIRO, 2020).

2.2 Benefícios do Aleitamento Materno Exclusivo

Os benefícios da amamentação para a mulher vão além da nutrição do bebê, abrangendo aspectos físicos, emocionais e preventivos relacionados à saúde. Entre os principais ganhos estão a redução do risco de câncer de mama, a sensação de bem-estar por cuidar diretamente do filho e o fortalecimento do vínculo emocional

entre mãe e bebê. Evidências científicas indicam que mulheres que prolongam a amamentação possuem menor propensão ao desenvolvimento de condições como a síndrome metabólica, especialmente quando houve diagnóstico de diabetes gestacional na gravidez (DE ANDRADE, 2024).

Outro aspecto importante é o estímulo natural à produção de leite, que ocorre conforme o bebê realiza a sucção. A quantidade produzida está diretamente associada à frequência das mamadas, sendo regulada por hormônios como a prolactina e a ocitocina, responsáveis, respectivamente, pela produção e pela ejeção do leite materno, garantindo assim a nutrição adequada da criança (LUSTOSA, 2020). Além disso, sua composição sofre alterações de acordo com a genética e o estado nutricional materno, bem como ao longo dos meses, a fim de atender às necessidades do lactente conforme seu crescimento e desenvolvimento (TAVEIRO, 2020).

No contexto da saúde infantil, o AME nos primeiros meses de vida é fundamental para garantir a saúde do bebê, atuando como medida preventiva contra diversas doenças infecciosas e crônicas. Essa prática tem sido fortemente associada à redução dos índices de mortalidade e morbidade infantil, particularmente em casos de infecções respiratórias, otites e episódios de diarreia, condições que frequentemente levam à hospitalização de lactentes (PRESTES, 2024). Ademais, contribui significativamente para a prevenção de alergias e obesidade infantil, reforçando seu papel essencial no desenvolvimento físico e imunológico do bebê. (RIBEIRO, 2024).

A composição do leite materno é rica em anticorpos, vitaminas e diversos nutrientes que reforçam o sistema imunológico do bebê, ajudando na prevenção de infecções e doenças comuns da infância. Além disso, aproximadamente 88% da sua composição é formada por água, o que garante a hidratação adequada do recém-nascido e facilita a digestão. (DA SILVA, 2020)

Segundo o Instituto Butantan (2025), “o leite materno contém peptídeos bioativos que estimulam a ativação de linfócitos, auxiliando na formação eficaz do sistema imunológico do recém-nascido”. Dentre os componentes do leite materno, destaca-se a presença de imunoglobulinas, especialmente a IgA, que atua na defesa do organismo do bebê contra agentes patogênicos. Essa imunoglobulina, que pode ser produzida localmente nas glândulas mamárias (SIgA) ou proveniente do sangue materno, está presente em todas as fases da lactação — correspondendo a cerca de

88% no colostro e variando entre 68% e 82% no leite de transição e maduro (PEREIRA, 2024).

Destaca-se ainda a importância do colostro — o primeiro leite que a mãe produz logo após o nascimento do bebê. Possui alto valor nutricional e fornece ao recém-nascido uma carga importante de anticorpos, sendo indispensável para o RN (recém-nascido). Sua composição, rica em substâncias bioativas, oferece proteção contra agentes infecciosos, superando, em certos aspectos, até mesmo o leite produzido nas fases posteriores da lactação (MOREIRA, 2023).

Vale ressaltar que, além de nutrir, o leite materno contribui para a eliminação do mecônio — as primeiras fezes do recém-nascido — e auxilia na prevenção da icterícia neonatal, favorecendo o funcionamento adequado do organismo do recém-nascido (SILVA, 2022).

2.3 Dificuldades e Barreiras da Amamentação

Entretanto, a adesão ao aleitamento materno exclusivo ainda enfrenta diversos obstáculos, como a carência de estrutura e suporte adequados, a insuficiência de assistência ou de profissionais capacitados para corrigir a pega incorreta do recém-nascido (REZENDE, 2024). Fatores como inexperiência, dor, percepção de produção insuficiente de leite, críticas, falta de apoio, dificuldades na sucção, escassez de informações e fragilidade emocional contribuem para a interrupção precoce da amamentação, sendo que tais barreiras acabam se sobrepondo aos benefícios e resultando na descontinuidade do processo de amamentar (DE OLIVEIRA, 2025).

No âmbito da Política Nacional de Aleitamento Materno, a atuação da equipe de enfermagem é fundamental para antecipar, identificar e intervir nas dificuldades relacionadas à amamentação, abrangendo aspectos como alterações na anatomia mamilar, pega inadequada, fissuras, ejeção láctea e sensação dolorosa. Durante o período de hospitalização, torna-se imprescindível uma assistência minuciosa e direcionada às necessidades da puérpera, de modo que possíveis intercorrências sejam reconhecidas e solucionadas precocemente, assegurando melhores condições para o êxito do aleitamento materno. (DOS SANTOS, 2024).

2.3.1 Principais Dificuldades no Processo de Manutenção do AME

Com base em um estudo recente conduzido por Moraes (2020), foram investigadas as principais dificuldades enfrentadas pelas mães no processo de manutenção do

aleitamento materno. Observou-se que a maioria das entrevistadas (76%) manteve a amamentação exclusiva até os seis meses, enquanto 24% relataram ter interrompido antes desse período. Além disso, verificou-se uma taxa significativa de introdução precoce da alimentação complementar (52%), sendo a insaciedade da criança o motivo mais frequentemente relatado (50%), seguida da falta de tempo (19,23%), da orientação médica (11,54%) e do desejo de complementar a nutrição do lactente (19,23%).

O Gráfico 1 mostra dados criados a partir das pesquisas às dificuldades durante a amamentação, 46% das mães afirmaram ter enfrentado algum obstáculo, destacando-se o ingurgitamento mamário e as lesões nos mamilos (56,5%). Também foram relatados fatores como percepção de que o leite materno não saciava o bebê (17,4%), rejeição do lactente (13%), baixa produção láctea (8,7%) e presença de mamilos invertidos (4,4%) (MORAES, 2020).

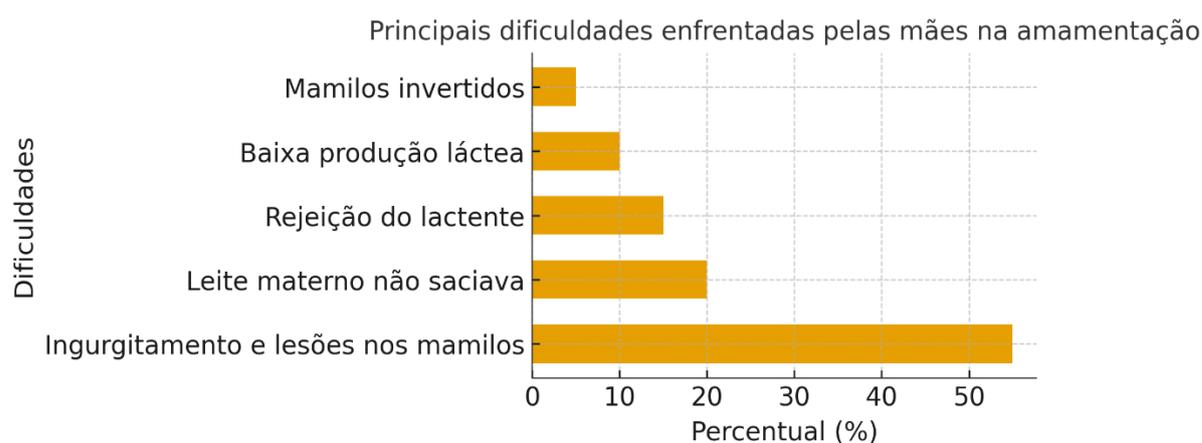


Gráfico 1: Principais dificuldades enfrentadas pelas mães durante a amamentação. Dados da pesquisa, 2025.

Outro aspecto relevante refere-se à diferença entre mulheres primíparas e multíparas. Estudos evidenciam que as primíparas, por vivenciarem a primeira gestação, apresentam menor experiência, relatam maiores dificuldades durante a amamentação e, em muitos casos, não buscam auxílio profissional, o que pode resultar em menor tempo de manutenção do aleitamento. Em contrapartida, as multíparas, por já possuírem vivências anteriores, acumulam conhecimento e práticas adquiridas em gestações passadas, favorecendo, assim, a continuidade da amamentação por um período mais prolongado (GONÇALVES, 2022).

Além das diferenças relacionadas à experiência materna, aspectos socioculturais também exercem influência significativa no processo de amamentação. Mitos, tabus e crenças ainda são comuns e geralmente surgem da escassez de informações adequadas ou da influência de conhecimentos populares transmitidos culturalmente. Pais e familiares, muitas vezes, se baseiam em tradições sociais ou familiares para orientar os cuidados com o recém-nascido, o que pode interferir negativamente no desenvolvimento saudável da criança. Entre os exemplos mais frequentes está a ideia de que a produção de leite materno é insuficiente, classificando-o como “fraco” ou incapaz de satisfazer as necessidades do bebê (MEDEIROS, 2025)

Apesar dos esforços de campanhas educativas e manuais disponibilizados em unidades de saúde, hospitais e maternidades, como os que seguem a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), o mito do “leite fraco” ainda persiste. A IHAC, fundamentada nos “Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno”, busca justamente promover práticas que apoiem a amamentação desde o nascimento. A experiência prévia de algumas mulheres com a amamentação, entretanto, pode reforçar essa crença equivocada. Nesse sentido, o aconselhamento contínuo e efetivo da mãe e do bebê após a alta hospitalar, durante o acompanhamento ambulatorial, configura-se como uma importante estratégia para desconstruir tais mitos e reduzir o risco de interrupção precoce do aleitamento. (SILVA, 2020)

Ainda segundo Silva (2020), os fatores econômicos, educacionais e ocupacionais exercem grande influência sobre a prática do aleitamento materno. Mulheres com menor escolaridade e em condições socioeconômicas desfavoráveis tendem a introduzir a alimentação complementar precocemente, muitas vezes por falta de informações sobre a importância do aleitamento exclusivo, seu valor nutricional e seus benefícios para mãe e filho. A baixa adesão ao pré-natal também limita o acesso à orientação profissional necessária para a promoção da amamentação.

Além disso, o retorno da mulher em fase de amamentação às atividades laborais, geralmente após o término da licença-maternidade de quatro meses, contribui para a substituição do leite materno por fórmulas artificiais e para a diminuição da produção láctea, em razão da menor estimulação das mamas e do afastamento do convívio com o bebê. A ausência de políticas e estruturas adequadas de apoio às mães trabalhadoras torna ainda mais desafiadora a manutenção do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança (DE ARAUJO, 2021).

Segundo Damasceno (2022), outro fator que interfere diretamente na continuidade do aleitamento materno é o uso de bicos artificiais, como chupetas e mamadeiras. A introdução desses objetos pode causar a chamada confusão de bicos, dificultando a pega correta e reduzindo a eficiência da sucção durante a amamentação. Além disso, o uso prolongado pode comprometer o desenvolvimento adequado da cavidade oral, favorecendo alterações anatômicas e funcionais. As mães que utilizam chupetas e mamadeiras sem a devida orientação profissional apresentam maior risco de desenvolver fissuras mamilares, mastite, candidíase e ingurgitamento mamário, condições que, por sua vez, reduzem o contato pele a pele e contribuem para o desmame precoce.

Somados aos fatores físicos relacionados ao uso de bicos artificiais, aspectos emocionais e psicológicos também desempenham papel fundamental na continuidade do aleitamento materno. A intenção de amamentar durante a gestação está associada a menor risco de depressão pós-parto quando a amamentação é bem-sucedida. Por outro lado, a depressão pós-parto pode reduzir a confiança materna, gerar sentimento de culpa, ansiedade e angústia, e levar ao desmame precoce. Esse comprometimento emocional afeta a autoestima, a autoconfiança e o desempenho nas funções maternas. A autoeficácia para amamentação atua como fator protetor, enquanto a depressão pós-parto representa um risco, prejudicando a capacidade da mãe de amamentar com exclusividade. (DANAGA, 2024).

2.4 Papel da Enfermagem no Aleitamento Materno

Considerando que é a equipe de enfermagem que mantém maior proximidade com a gestante, torna-se essencial que estabeleça um vínculo de confiança, de modo a acolher suas dúvidas acerca da amamentação e dos cuidados com o recém-nascido. Cabe a esse profissional elaborar estratégias de intervenção que favoreçam um processo de aleitamento materno eficaz e sem intercorrências. Ressalta-se, ainda, que o sucesso do AME está frequentemente relacionado às orientações fornecidas pelo enfermeiro desde o acompanhamento pré-natal. Para tanto, é indispensável uma comunicação clara e empática entre profissional e nutriz, ultrapassando a esfera técnica e abrangendo também o suporte emocional e educativo necessário para a tomada de decisão quanto à amamentação. (XAVIER, 2022)

Nesse contexto, a humanização do cuidado dos profissionais de enfermagem manifesta-se de forma significativa na promoção do aleitamento materno, pois esse

momento vai além do ato biológico de nutrir, ela representa acolhimento, vínculo e presença afetiva entre mãe e filho. Valorizar a amamentação é reconhecer a importância do toque, do olhar e da escuta sensível, aspectos essenciais do cuidado humanizado. Mesmo diante de desafios, como em situações de isolamento ou doença, manter e incentivar o aleitamento demonstra respeito às necessidades emocionais e físicas da díade mãe-bebê, reafirmando que a humanização está em cada gesto que favorece o contato e o amor no processo de cuidar. (LOPES, 2021).

Dessa forma, para que esse cuidado humanizado se concretize de maneira efetiva, como destacado por Silva (2021), é fundamental que o enfermeiro adote uma prática sistematizada e organizada. A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) constitui-se como um instrumento essencial para direcionar o cuidado, garantindo resultados mais eficazes no processo saúde-doença.

Por meio de métodos, instrumentos e fundamentos teóricos, a SAE confere cientificidade e segurança às ações do enfermeiro, promovendo uma prática planejada, ética e embasada. Essa sistematização favorece o atendimento individualizado, considerando as necessidades específicas de cada paciente, além de fortalecer a qualidade e a continuidade da assistência. No contexto materno-infantil, a aplicação da SAE contribui para um cuidado integral e humanizado, assegurando o bem-estar da nutriz e do recém-nascido e promovendo um acompanhamento sensível e resolutivo. (SILVA, 2021).

Entretanto, mesmo reconhecendo a relevância da enfermagem na promoção do aleitamento materno exclusivo, ainda existem desafios que dificultam sua plena atuação. Para Maciel (2024), a escassez de recursos, o tempo reduzido e a ausência de apoio institucional comprometem a oferta de um acompanhamento eficaz. Somam-se a isso os mitos e a desinformação que persistem na sociedade, tornando-se obstáculos que exigem constante enfrentamento e orientação por parte dos profissionais de saúde.

Diante desses desafios, as práticas de prevenção e promoção da saúde realizadas pelos profissionais de enfermagem, voltadas ao aleitamento materno exclusivo, fundamentam-se em ações educativas que incluem orientações à gestante e à família, rodas de conversa e grupos de apoio à amamentação. Tais iniciativas têm como objetivo fortalecer o conhecimento e a autoconfiança materna, incentivando a continuidade do aleitamento mesmo após o término da licença-maternidade. Por meio

desse acompanhamento e diálogo constante, a mãe sente-se acolhida e preparada para manter o aleitamento exclusivo de forma segura e consciente. (PALHETA, 2021).

3 CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que a oferta láctea exclusiva proveniente da mãe até os seis meses é essencial para a saúde do bebê e da mãe, oferecendo proteção imunológica, nutrição completa e fortalecimento do vínculo afetivo. As dificuldades identificadas, como pega incorreta, dor, mitos culturais, retorno ao trabalho e fatores emocionais, mostram-se determinantes para o desmame precoce. Conclui-se que a enfermagem exerce papel fundamental ao orientar, acolher e intervir diante dessas barreiras, contribuindo para a segurança e autoconfiança materna. A atuação humanizada e sistematizada da equipe de enfermagem demonstra impacto direto na manutenção do AME e na promoção da saúde da criança. Dessa forma, reforça-se a importância do apoio profissional contínuo e de estratégias de educação em saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Aleitamento materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aleitamento-materno>. Acesso em: 9 set. 2025.

DAMASCENO, Ana Luísa Dantas Diniz. **Impacto do uso de acessórios para amamentação na continuidade do aleitamento materno**: revisão integrativa. 2022.

DANAGA, Carlos Alexandre Herzig et al. **Fatores que influenciam na autoeficácia materna para a amamentação**: revisão bibliográfica. *Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação*, v. 5, n. 2, p. 256-281, 2024.

DA SILVA, Anna Beatryz Lira et al. **Ações educativas como estratégia de intervenção nas atitudes das gestantes frente ao aleitamento materno**. *Enfermagem em Foco*, v. 12, n. 5, 2021.

DA SILVA, Elane Pereira; DA SILVA, Estela Tavares; DE ANDRADE AOYAMA, Elisângela. **A importância do aleitamento materno nos seis primeiros meses de vida do recém-nascido**. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde – ReBIS*, v. 2, n. 2, 2020.

DE ANDRADE, Ana Clara Lemos et al. **Os benefícios do aleitamento materno**: uma revisão abrangente sobre a composição do leite materno, efeitos psicológicos em crianças e mães, facilitadores e barreiras na amamentação, políticas de promoção e desmame. *Brazilian Journal of Development*, v. 9, n. 5, p. 16770-16783, 2023.

DE ARAÚJO, Sabrina Castro; AVELINO, Bruna da Silva Souza. **Aleitamento materno até os seis meses de idade**: uma revisão literária. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 11, n. 14, p. e363111436418-e363111436418, 2022.

DE ARAÚJO, Shelda Cunha et al. **Fatores intervenientes do desmame precoce durante o aleitamento materno exclusivo**. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 4, p. e6882-e6882, 2021.

DE JESUS, Eduarda Barbosa; MOSCA, Tainá; FORTE, Wilma Carvalho Neves. **Conhecimento materno sobre o papel imunológico protetor do leite materno para o recém-nascido**. *Arquivos Médicos dos Hospitais da Santa Casa de São Paulo*, v. 67, p. e001, 2022.

DE OLIVEIRA, Camila Almeida et al. **Aleitamento materno**: dificuldades, benefícios e importância de uma rede de apoio. *Revista Pró-UniverSUS*, v. 16, n. 2, p. 88-97, 2025.

DOS SANTOS, Maria Carolina Salustino et al. **Dificuldades encontradas em torno do aleitamento materno de primogênitos**: uma revisão integrativa. *Saúde Coletiva (Barueri)*, v. 14, n. 89, p. 13264-13277, 2024.

GONÇALVES, Steffany dos Santos. **Importância do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade para o desenvolvimento saudável da criança**. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Centro Universitário Atenas, Paracatu, 2022.

INSTITUTO BUTANTAN. **Além da nutrição, leite materno estimula sistema imunológico, regula pressão arterial e contribui para o bem-estar dos bebês**. São Paulo: Instituto Butantan, 2025. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/alem-da-nutricao-leite-materno-estimula-sistema-imunologico-regula-pressao-arterial-e-contribui-para-o-bem-estar-dos-bebes>. Acesso em: 5 out. 2025.

LOPES, Inês Russo. **Humanização dos cuidados de enfermagem em pediatria: atuação do enfermeiro especialista**. 2021. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2021.

LUSTOSA, Evaldo; LIMA, Ronaldo Nunes. **Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica**. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde – ReBIS*, v. 2, n. 2, 2020.

MACIEL, Bruno Ribeiro; DE MELO, Thayanny Felix; DE ASSIS, Bruno Santos. **Aleitamento materno exclusivo: uma revisão integrativa sob a perspectiva da enfermagem**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 10, p. 3761-3770, 2024.

MEDEIROS, Andréa Monteiro Correia et al. **Mitos sobre aleitamento materno e fonoaudiologia: visão de puérperas e aceitação das orientações realizadas pela equipe de saúde**. *Revista CEFAC*, v. 27, p. e6324, 2025.

MORAES, Isanete Coelho de et al. **Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação**. *Revista de Enfermagem Referência*, n. 2, p. e19065-e19065, 2020.

MOREIRA, Vitória Andrade Rodrigues et al. **Obesidade materna e suas repercussões sobre melatonina e cortisol no leite materno e colostro humano**. *Journal of Human Growth and Development*, v. 33, n. 2, p. 277-285, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Breastfeeding**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2025. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/breastfeeding#tab=tab_1. Acesso em: 4 set. 2025.

PALHETA, Quezia Aline Ferreira; AGUIAR, Maria de Fátima Rodrigues. **Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno**. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 8, p. e5926-e5926, 2021.

PEREIRA, Giulia Nicaretta Scramin Lopes et al. **Aleitamento materno: mecanismos e alterações da composição do leite entre as mamadas**. 2024.

PERES, Janaine Fragnan et al. **Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocioculturais relacionados com o aleitamento materno**. *Saúde em Debate*, v. 45, p. 141-151, 2021.

PRESTES, Ananda Carolina Reis et al. **Amamentação exclusiva:** avaliação dos fatores determinantes e seus impactos na prática. *Aracê*, v. 6, n. 2, p. 2210-2226, 2024.

REZENDE, Letícia Rodrigues et al. **O impacto da amamentação na saúde infantil:** benefícios e desafios. In: *Saúde da Mulher e do Recém-nascido: Novos Paradigmas*. Editora Científica Digital, 2024. p. 159-167.

RIBEIRO, Bruna Emanuely Sousa et al. **A importância do leite materno para o crescimento e desenvolvimento infantil.** *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 2, p. 213-221, 2024.

SILVA, Angélica Alves Ferreira et al. **Importância do leite materno:** arrecadação de pote para doação de leite materno. 2022.

SILVA, Gabrielle Do Nascimento et al. **A percepção do enfermeiro sobre a sistematização da assistência de enfermagem ao recém-nascido prematuro na unidade de cuidados intensivos.** *Res Soc Dev*, v. 10, n. 3, 2021.

SILVA, Monise Martins da et al. **Fatores que implicam no processo do contato precoce e aleitamento materno na sala de parto.** *Cadernos de Saúde Coletiva*, v. 28, n. 4, p. 529-536, 2020.

TAVEIRO, Elisangela de Azevedo Nascimento; VIANNA, Eliana Yuko Shishiba; PANDOLFI, Marcela Maria. **Adesão ao aleitamento materno exclusivo em bebês de 0 a 6 meses nascidos em um hospital e maternidade do município de São Paulo.** *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2020.

XAVIER, Edpo Rodrigo Leite Moura; DA SILVA, Maria Roberta Bezerra. **Benefícios do aleitamento materno e a influência do profissional de enfermagem.** *Revista Multidisciplinar do Sertão*, v. 4, n. 3, p. 324-328, 2022.

